

noite nula e outros poemas de **Carlos Felipe Moisés**

Noite Nula

1.

Agora sim agora sei : a noite,
matilha de sombras, óleo espesso
a escorrer da candura dos arranha-céus,
a noite e seus milhares de barcos
a apodrecer, prestes a naufragar
ou a zarpar no romper da aurora,
a noite agora cerra sobre a cidade
as suas asas definitivas & então
sim, sei :
essa noite não é nada.

A Terra tremeu um pouco (é
verdade) mas foi só a debandada
dos animais da tarde,
esbaforidos, a devorar
entre as nuvens de bronze

a derradeira chama do sol frio

— como soem fazer

aliás

todo dia.

A casa também tremeu,

um pouco.

As paredes hesitaram,

os enfeites sobre a cômoda

a louça no armário

os livros nas estantes

ameaçaram

ruir

esfarelar-se no chão

ou voar

perdidos para sempre

no reino de nunca-mais.

Num átimo porém o dia já não era

é como se dia aí jamais houvera

e essa luz não fora

senão

o sonho acalentado pelo negrume

da noite nula.

Por isso, agora sei :

essa noite não é nada.

2.

Se não, vejamos. Noite nula : noite
noite sem termo, noite do não-ser...
Não presta para nada a noite, só
para ensejar uns versos bem medidos.

O coração metrificado pára (
heróico ou sáfico é tudo igual)
e fim... Aí só resta escarnecer :
amem a noite os magros crapulosos.

O mal pior é mesmo ter nascido
poeta inapetente, fazedor
de versos frouxos, sem o menor viço

: o mundo todo enfim enrodilhado
na severa engrenagem do soneto.

Mas o que tem a noite a ver com isso?

3.

Ah a noite! Concubina favorita

do iracundo soberano cego,

senhor dos gafanhotos azulados,

todo garboso em seu negro manto.

De dia não se importa com o destino

dos seres que se abrigam nos limites

sem fim do seu reino a perder de vista.

(Se ele a perdeu, a quem mais valeria?)

Mas basta o sol se pôr e a noite chega,

exala o seu odor inebriante &

el-rei já goza o primeiro dos mil

orgasmos que noite adentro terá.

E assim, de espasmo em espasmo (treva

sobre treva), outro soneto se cumpre.

4.

E chega de soneto! Chega de louvar
a noite ou o soberano cego. Soberano
de quê? De um reino sem fronteiras
onde sob o manto de negras dalias
marchetado a ninguém é dado ver
o que el-rei jamais verá? E eu?
Que tenho eu a ver com isso? Nada,
nada! Tudo

pretexto

para que vez ou outra me escape
por entre os dentes que rangem (
mas não de frio) um decassílabo.

A noite é cálida.

Não é nada a noite, mas aquece
ou quase & ainda traz ao longe
esse cortejo de pirilampos vadios
que prestam para alguma coisa.

É cálida a noite.

Mesmo assim

me embrulho no jornal de ontem
me abrigo das notícias que não li

me protejo do frio que não há.

Nunca se sabe. Agora

sei : nunca se sabe.

Cerro os olhos

me ajeito

e aguardo.

O ombro esquerdo dói

(um pouco).

É a posição, talvez, talvez a idade:

há milênios não durmo ao relento.

Vassalagem de sombras

o tempo segue o seu curso

no encalço da madrugada.

Essa noite não é nada.

I'm going

away from here, ele repete, e dessa vez
só Jelly Roll e o grande Lou Armstrong
o acompanham por outros becos e vielas
do Harlem ao Bronx, em Nova Iorque.

2.

Tempo foi, menino cresceu, clarineta
virou sax soprano, cheio dos mesmos
pardais e curiangos de todas as cores,
que dizem : I'm going away from here.
Menino-homem, foi soprar do outro lado
do mar, não muito longe dali, em Paris.

Soprou soprou sem parar uma enxurrada
de vaga-lumes nervosos, por vielas e becos
do Quartier Latin & foi ficando.

Dia vai,

dia vem, põe de lado o sax soprano, toma
de novo a clarineta do irmão (I'm going
away from here) e o último curiango
azul bate as asas sobre o Sena e vai pousar
longe dali, na mão esquerda de Deus.

Libélula

1.

Melhor abandonar o espetáculo
mal começado. Acerto o passo trôpego,
rasgo nos dentes a lembrança nítida
da burla e me distraio com a libélula

: esta esvoaçante donzelinha estúpida
que insiste em me seguir com ar ilícito.
Que farsa é essa enfim em que os intrépidos
se dão as mãos e choram como náufragos?

De qualquer modo, venha... Mais efêmera
que o dia iluminado é a noite mágica
(amiga), plena de outra luz & música.

Mas esqueça o compasso, o ponto e a vírgula
e se puder me explique sem retórica:
a que vem toda essa efusão esdrúxula?

2.

Ah poetinha finório!

Se quiseres dou-te um lírio

e não te chamo de otário.

Vamos, pra quê essa fúria?

Espetáculo notório,

de saboroso mistério,

seria a nossa luxúria

não fosse eu tão vigária.

Diz que eu sou o teu colírio,

diz que eu sou a tua glória,

pode me chamar de espúria,

esgota o abecedário

: teu teatrinho tão sério,

tão sem sal, sem repertório.

Mas me chama de libélula

que eu te chamo de crepúsculo.

3.

Então você prefere que eu a chame
libélula? Está bem: libélula. Donzelinha
que tal? Quem sabe cavalinha-do-diabo,
lava-bunda ou odonata? Sim, eu sei,
você os detesta mas estão todos lá,
no dicionário, os nomes que Deus
ou o povo lhe deu.

E quem sou eu
para inventar nome melhor?
Não lhe pedi para me seguir,
posso chamá-la como quiser
ou até nem chamar.
Só não posso esquecer
que libélula ou cavalinha
você é carnívora, voraz,
e suas asinhas coloridas
transparentes
se alimentam da água podre
na imundície.

Por isso
minha doce, pútrida libélula,
não me desgarro de você.
Tento (como posso)

arrancá-la da memória

do sexo

da alma

das veias em chama

mas para onde quer que eu vá

lá está você

lá estou eu em mim

em você

você em mim,

asinhas fétido-farfalhantes,

espetáculo mal parido,

pior continuado

: nosso teatro inglório.

E você vem

com história

lamúria

delírio

miséria (

sonetinho mal ajambrado)

e esse tu tão aprumado,

verbos e desconsolo

tão bem conjugados...

Chega, chega de tu! É você,

já lhe disse: você! Libélula

donzelinha odonata mar de prata

lua a apodrecer no pântano lava-
bunda de bromeliáceas: você!

Gostou?

Se não

me deixe

me largue

me troque

por quem já não sou
ou por outro qualquer.

Quanto a me chamar de crepúsculo

vá lá: talvez justifique

este nosso amor

esdrúxulo.

Billie Holiday

para Camila Diniz Ferreira

1.

É como adentrar um castelo em ruínas
e de repente ver renascer o esplendor
de seus salões ou a languidez acetinada
de suas alcovas.

É como se todos os ventos súbito
amainassem, deixando atrás de si
o seu arrepio no dorso da pantera
em pleno salto.

É como pressentir ao longe
o colear da serpente na areia fina
do deserto, a deslizar, a flutuar
sob o sol que cega.

É como embalar ao colo a fera
enfim liberta da fúria
que a prendia ao olho do ciclone
: placidez de vendaval.

2.

Vendaval era o que Billie fazia

& ain't nobody's business if I do!

Por isso todos a querem por perto.

Billie sorri

mas que fazer

se quando é escuro aqui

outra luz desponta

mais adiante?

Lady Day?

Pássaro cego, asas

a ruflar no coração da noite nula,

a espalhar por aí o esplendor

de seus castelos, carícia

no dorso da pantera,

silvo de serpente ensolarada

: mansidão de vendaval.

Lady Day

nada quer

senão um maço de violetas

ou magnólias

para saudar no horizonte

a luz que vem do mar

como num sonho

de que não possa

despertar.

[Poemas retirados de **Noite nula**, SP, Nankin, 2008]

Leia [resenha de Noite nula](#) nesta edição de **dEsEnrEdoS**

Carlos Felipe Moisés é poeta (*Noite nula*, 2008), ficcionista (*Histórias mutiladas*, 2010), crítico literário (*Poesia & utopia*, 2007), tradutor (*O poder do mito*, 1990) e autor de livros infanto-juvenis (*Conversa com Fernando Pessoa*, 2007). É mestre e doutor em Letras Clássicas pela USP, tendo lecionado teoria literária e literaturas de língua portuguesa em várias universidades, como a PUC-SP, a USP e a Universidade da Califórnia, Berkeley, EUA.